



A PRÁTICA PSI COMO ENCRUZILHADA AO DEVIR NEGRO

Jefferson Olivatto da Silva¹

Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Brasil

Rafaella Massuia Vaz²

Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil

Resumo: Uma das mais poderosas armas ideológicas da colonialidade foi a produção falaciosa de imagens de controle sobre determinados grupos sociais. Neste artigo, discutimos o lugar psicossocial do homem negro brasileiro, investigando a relação entre a (re)produção de imagens de controle sobre tais sujeitos e sua relação com a produção do sofrimento psíquico. Para tanto, partimos de uma investigação da prática clínica da experiência da negritude enquanto espaço questionador de imagens de controle, como também, encruzilhada com potencial de abrir caminhos para processos humanizantes de criação e experimentação da própria existência. Dessa forma, evidenciamos a necessidade de uma prática *psi* atenta e potencializadora de humanização em vista de uma realidade brasileira delineante de práticas colonizatórias.

Palavras-Chave: Imagens de controle; Clínica; Devir Negro

¹ Graduado em Filosofia (UniSagrado), Psicologia (UNESP-Assis), Mestrado em Educação (UNESP-Marília), Doutorado em Ciências Sociais (UNESP-Marília), Pós Doutorado em História (UFPR), Pós Doutorado em Educação (UFPR), Pós Doutorado em Políticas Públicas e Serviço Social (UEL). Atua no Programa de Pós Graduação em Psicologia (UEL); Programa de Pós Graduação em Educação (UNICENTRO). Email: jeffolivattosilva@uel.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6542-1461>.

² Graduada em Psicologia (UEL), Mestranda Programa de Pós Graduação em Antropologia Social (UNICAMP). Email: vazrafaella33@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9649-2158>.



THE PSYCHOLOGICAL PRACTICE AS A CROSSROAD TO THE BLACK DEVIR

Abstract: The fallacious production of controlling images over certain social groups was the most powerful ideological weapons of coloniality. In this article, we discuss the psychosocial place of the Brazilian black man, whereas investigating the relationship between the (re)production of images of control and its relationship with the production of psychic suffering. Accordingly, we start from an examination of the clinical practice of the negritude experience as a space for questioning the images of control, while a crossroad to humanize the processes of creation and experience of existence itself. Thus, we demonstrate the need for an attentive psi practice that reinforces humanization in the face of a Brazilian reality depicting colonization practices.

Keywords: Controlling images; Clinic; Devir Negro

LA PRÁCTICA PSICOLÓGICA COMO ENCRUCIJADA HACIA EL DEVIR NEGRO

Resumen: Una de las armas ideológicas más poderosas de la colonialidad fue la producción falaz de imágenes de control sobre ciertos grupos sociales. En este artículo, discutimos el lugar psicosocial del hombre negro brasileño, investigando la relación entre la (re)producción de imágenes de control sobre estos sujetos y su relación con la producción de sufrimiento psíquico. Para ello, partimos de un examen de la práctica clínica de la experiencia de la negritud como espacio de cuestionamiento de las imágenes de control, así como encrucijada susceptible de abrir caminos para la humanización de los procesos de creación y experiencia de la existencia. De esta manera, demostramos la necesidad de una práctica psi atenta que refuerce la humanización frente a una realidad brasileña que representa prácticas de colonización.

Palabras-clave: Imágenes de control; Clínica; Devir Negro

LA PRATIQUE PSYCHOLOGIQUE COMME CARREFOUR VERS LE DEVIR NÈGRE

Résumé: L'une des armes idéologiques les plus puissantes de la colonialité était la production fallacieuse d'images de contrôle sur certains groupes sociaux. Dans cet article, nous discutons de la place psychosociale de l'homme noir brésilien, en enquérant la relation



entre la (re)production d'images de contrôle sur ces sujets et sa relation avec la production de souffrance psychique. Pour ce faire, nous partons d'un examen sur la pratique clinique de l'expérience de la négritude comme espace de questionnement des images de contrôle, ainsi que comme croisement susceptible d'ouvrir des voies d'humanisation des processus de création et d'expérimentation de l'existence elle-même. De cette manière, nous démontrons la nécessité d'une pratique psi attentive qui renforce l'humanisation face à une réalité brésilienne décrivant les pratiques de colonisation.

Mots-clés: Images de contrôle; Clinique ; Devir nègre

INTRODUÇÃO

A prática psicológica na última década, principalmente, teceu novos matizes para a ciência psicológica nacional em vista de diálogos interdisciplinares e pelo pressuposto ético-político do compromisso social com a realidade brasileira. Neste cenário, a questão étnico-racial (negra e indígena) já deixou de ser uma discussão tangencial tanto como ciência quanto profissão. Assim, a introdução sobre a temática é recorrente em eventos científicos, ementas de disciplinas, produção científica, bem como, conselhos de igualdade racial, núcleos e comissões étnico-raciais nos conselhos regionais de Psicologia, além da resolução de 18/2002 e Referências Técnicas para atuação de psicólogos(as) com povos negros (2017), tradicionais (2019) e indígenas (2022).

Neste sentido, a partir da discussão étnico-racial pelo recorte da população negra, objetivamos mapear o modo como imagens de controle sobre homens negros brasileiros ecoam na clínica psicológica, afetando e modelando sofrimentos psíquicos. Tal proposição surge a partir da experiência de estágio em uma Clínica Escola através de atendimentos psicoterapêuticos realizados com pacientes negros. Para tanto, dialogando com as imagens de controle de Collins (2019) e a encruzilhada (interseccionalidade) de Akotirene (2019), esse artigo está alicerçado em uma perspectiva processual de produção da subjetividade em vista de



marcadores sociais da diferença como raça, classe, gênero, sexualidade, resultantes dos efeitos da colonialidade (Quijano, 2005; Lugones, 2014).

De acordo com Collins (2019), imagens de controle são discursos ideológicos baseados em preceitos racistas, classistas e sexistas oriundos da colonização que constroem representações falaciosas sobre determinados grupos sociais. No caso, tais imagens funcionam como justificativas para a operação do poder hegemônico branco e para a fixação da população negra em abjetos, de modo com que lugares subalternizados sejam naturalizados e dinâmicas de exploração ocultadas. Desse modo, imagens de controle “são traçadas para fazer com que o racismo, o sexismo, a pobreza e outras formas de injustiça social pareçam naturais, normais e inevitáveis” (Collins, 2019, p. 136).

Assim, podemos entender que tais imagens de controle são produto da colonialidade e representam o imaginário branco sobre o que a negritude deveria ser, sendo representações ficcionais poderosas, capazes de construir realidades e axiomas que potencializam relações intersubjetivas violentas. Algo importante a ser sublinhado é que tais imagens de controle são historicamente orquestradas para controlar o imaginário social a respeito das pessoas negras, bem como suas relações, comportamentos e percepções de si.

Nesses termos, Collins (2004) destacou algumas imagens de controle que foram construídas a partir da realidade estadunidense sobre homens negros, tais como: o estuprador/violador, o atleta (principalmente, baseadas nos boxeadores, jogadores de basquete e futebol americano), *gangsta/thug* e o *Black buddy*. A autora nota que apesar dessas imagens possuírem suas especificidades, em sua maioria o homem negro é reduzido ao seu corpo, sendo em que alguns casos a suposta potência física, sexual e agressividade são admiradas, enquanto em outras, geradoras de medo e aversão. Portanto, entende-se que, representações sobre homens negros que os fixam e os limitam ao plano corporal, se constituem enquanto instrumento ideológico da branquitude para mantê-los em condições



precárias social e psiquicamente. Contudo não podemos deixar de lembrar que desde o século XIII - quando da expansão arábica no oeste e leste africano e dominando o comércio do mediterrâneo, península arábica e Oceano Índico - a notória coletânea de Mil e uma noites: contos de Sherazade -, encontramos já esse mesmo direcionamento de imagens a respeito do homem negro viril e perverso.

Aqui, abrimos um parêntese sobre a imagem de controle do *Black buddy*. Esta representaria um homem negro companheiro, leal e comprometido com o modo de vida estadunidense (branco). Uma das maiores representações difundidas na mídia estadunidense é “Uncle Tom”, que corresponderia no Brasil a figura do “Tio Barnabé” da obra de Monteiro Lobato, *Reinações de Narizinho* (1931). Diferentemente da imagem de estuprador, esse homem apresenta atributos assexuados, sem vínculos familiares próprios e com o propósito de vida de ser devoto ao seu trabalho e aos seus senhorios brancos (Collins, 2004). Nesse sentido, expressões de violência e sexualidade podem até ser encontradas no *Black buddy*, desde que essas estejam sob a autoridade e desejo dos sujeitos brancos.

Portanto, ao pensarmos uma clínica que se articule em aliança com tais análises, logo levamos em consideração

quais condições estruturais atravessam os corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas, repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão, sob a forma de identidade (Akotirene, 2019, p. 27).

Assim, há a necessidade de diálogos interdisciplinares como atitude epistêmica que considere a complexidade psicossocial do ser homem negro. Ora, esse sujeito não está dado *a priori*, mas é um efeito da atualização de historicidades



de encontros, dados, acontecimentos e forças que construíram narrativas sobre sua masculinidade e que se atualizam em seu devir na clínica psicológica.

Inicialmente, desenhamos certa configuração de uma tecitura histórica decorrente da colonialidade que estruturou a abrangência do lugar psicossocial do homem negro brasileiro. Pelo entremeio deste tecido, investigaremos a relação entre a (re)produção de imagens de controle na contemporaneidade e sua relação com a produção do sofrimento psíquico, ou seja, a atualização de representações imagéticas do ser negro que tecem uma sintomatologia específica. Ao fim, pensamos na possibilidade da clínica enquanto questionadora das imagens de controle, como também, uma encruzilhada que tem o potencial de abrir caminhos para processos humanizantes de criação e experimentação da própria existência.

A PRODUÇÃO DO NEGRO ENQUANTO ABJETO

Devido ao fato de que nossas análises partem de experiências na sociedade brasileira, faz-se necessário discorrer brevemente sobre a colonialidade e o projeto societário que se atualiza no cotidiano da vida social. Mignolo (2017) aponta que a partir de parâmetros sociais, ideológicos, políticos, religiosos e econômicos foi tecida uma narrativa complexa, tendo como aporte conquistas bélicas e domínio societário europeus, que caracterizou a modernidade. O autor assevera que esse processo de dominação em suas diferentes colônias (americanas, africanas, asiáticas e da Oceania) sistematicamente delineou o heroísmo e o sacrifício como artifícios ideológicos para silenciar as violências sobre o cotidiano das populações originárias, que se convergiram em colonialidade: um *modus operandi* das relações intersubjetivas. Com efeito, esse seria o caminho para entender a tessitura das instituições sociais ocidentais na América em um sentido social para modernidade, conduzidas pela exploração, extermínio e apropriação dos povos originários e do



comércio de povos africanos escravizados como peças (Mignolo, 2017). Nesse contexto, Lugones (2014) coloca que a modernidade e seu par indissociável, a colonialidade, reorganizou o mundo e amalgamou as múltiplas experiências humanas em simplificações binárias e hierárquicas. Assim, ao passo que os colonizados foram submetidos a práticas desumanizantes, os colonizadores se asseveraram como único modelo humano com racionalidade e civilidade.

Se de um lado o sistema colonial foi encerrado com a Proclamação da Independência, as matrizes da consciência eurocêntrica sedimentaram-se na forma de estrutura social a ponto de a colonialidade metabolizar-se no presente. De acordo com Quijano (2005), essa matriz colonial se apoiou no fundamento racial e patriarcal do conhecimento para a efetivação do projeto colonial. De outra maneira, a invenção da raça *à la Gobineau* nas colônias desempenha uma função essencial para a manutenção do poder em todas as dimensões do processo intersubjetivo. Assim é que Lugones (2014) assevera que a raça, bem como, gênero, mantiveram-se como categorias edificadas a partir de dinâmicas coloniais, sendo utilizadas para classificar e hierarquizar os povos. A seu turno, Quijano (2005) ainda aponta que juntamente com o etnocentrismo, foi possível construir uma ficção de que os europeus brancos eram naturalmente superiores. Desta feita, a Europa a partir da construção do novo padrão de poder mundial, de maneira hegemônica por meio da violência sistemática dominou o campo da economia, subjetividade, cultura e produção do conhecimento.

Para Pierre Clastres (1968), no encontro violento entre povos colonizados e colonizadores, o Ocidente evidenciou sua “muito notável intolerância (...) diante de civilizações diferentes, sua incapacidade de reconhecer e aceitar o Outro como tal, sua recusa em deixar subsistir aquilo que não lhe é idêntico” (p.87). Nesse sentido, não há alteridade possível, pois, a razão ocidental passa a codificar esse outro a partir de suas próprias projeções, em que “tudo aquilo que não é ela própria



encontra-se em ‘estado de pecado’ e cai então no campo insuportável do desatino” (Clastres, 1968, p.87).

Partindo de uma perspectiva psicanalítica, apesar de os processos de ter a si próprio como modelo e projetar sobre o outro aquilo que se considera do âmbito negativo se constituírem enquanto algo comum da experiência humana, no contexto das relações raciais, esses processos trabalham no sentido de legitimar e justificar a ideia de superioridade de um grupo sobre o outro (Bento, 2002; Kilomba, 2019). É por esse modo que Mbembe (2017) dissertou sobre as práticas sociais eurocêntricas de políticas de inimizade ao demonstrar a produção de um excedente populacional de pessoas consideradas indesejáveis, que tiveram suas vidas revestidas de imagens de inimigas para serem depositárias sociais para a prática de ódio e hostilidade. Nesse contexto, encontra-se a criação da imagem do negro escravizado forjado de objeto para a deposição de fantasias racistas, devendo ser combatido, separado e exterminado.

Recolhemos assim, parcialmente, o modo como representações formalizadas a partir da colonialidade forjaram ficções discursivas sobre masculinidades. Nessa esteira, se homens brancos foram representados a partir de noções de masculinidades pautadas, por exemplo, em premissas de racionalidade, controle e humanidade, homens negros foram desumanizados sendo relegados a selvageria e/ou animalidade, reduzidos às suas (in)capacidades corporais. Para Fanon (2020, p. 179), negro é igual a “biológico, sexo, forte, atlético, potente, boxeador [...], fuzileiros senegaleses, selvagem, animal, diabo, pecado”. É possível perceber que ao mesmo tempo em que narrativas são criadas em torno de uma suposta superioridade corporal do homem negro, também há uma atribuição quanto a sua inferioridade intelectual, assim, não é incomum que homens negros sejam representados e até mesmo elogiados a partir de seus supostos desempenho sexual e tamanho dos órgãos genitais (Faustino, 2014; Collins, 2004). Nesse sentido, Fanon (2020) demarca que umas das principais projeções organizadas pela



branquitude é quanto a suposta potência sexual do homem negro, uma potência que precisa ser alucinante, sendo exatamente aí a demarcação importante, “precisa ser”, pois, é desse modo que a estrutura racista continua operando e alocando homens negros em posição subalternizada, havendo a “necessidade” da construção de muros, “barreiras de segurança” para afastar e conter esses considerados “ameaçadores” (Mbembe, 2017, p. 73). Assim, de acordo com Achille Mbembe (2017, p. 74) “tudo é praticado para impor um regime de separação, cujo funcionamento depende, paradoxalmente, da intimidade da proximidade”. Desse modo, podemos pensar que o negro se constituirá enquanto um objeto fóbigeno e ansiógeno, posto que operações inconscientes comporão o processo em que o corpo negro é, ao mesmo tempo, temido e desejado (Fanon, 2020).

IMAGENS DE CONTROLE E SOFRIMENTO PSÍQUICO

Entendendo que imagens de controle são formadas a partir da encruzilhada dinâmica de sistemas de opressão, produzindo efeitos nas condições materiais e psíquicas dos sujeitos envolvidos, lançamos um olhar sobre como o colonialismo, imperialismo e racismo, participam ativamente do processo o qual pessoas negras internalizam noções estereotipadas sobre a negritude (hooks, 2019). Para tanto, primeiramente, lembramos que mesmo depois da dita abolição da escravatura, imagens de controle sobre o homem negro continuaram sendo reproduzidas na sociedade brasileira com o intuito de contingenciar sua humanidade. Como exemplo, Dionísio (2014, p. 48) coloca que no campo da literatura brasileira o negro foi representado e apresentado como “facínoras, violentos e animalizados”. De modo semelhante, bell hooks (2019), no contexto estadunidense, relata que ao entrar na Universidade percebe que a literatura acadêmica, em sua maioria escrita



por pessoas brancas, sobre masculinidades negras, preservava uma noção homogênea e estereotipada do que homens negros seriam. Em suas palavras,

O retrato da masculinidade negra que emerge dessas obras constrói os homens perpetuamente como “fracassados”, que são “fodidos” psicologicamente, perigosos, violentos, maníacos sexuais cuja insanidade é influenciada pela incapacidade de realizar seu destino masculino falocêntrico em um contexto racista (hooks, 2019, p.148).

Com efeito, a autora afirma que apesar de homens negros demonstrarem insatisfação e revolta perante tais ficções sobre a negritude, não as desafiavam sistematicamente, acabando absorvendo tais mitos delineados por atributos negativos. Assim, podemos entender que uma das maiores vitórias da estrutura racista se encontra em seu nível subjetivo/psicológico na medida em que o racismo e sua construção ideológica de imagens de controle alcançam os mais diversos territórios, no caso, compondo vetores da configuração existencial e aprisionando o negro em uma imagem alienada sobre si (Caridade & Santos, 2020).

De acordo com Mbembe (2017), ao resgatar Fanon, tais processos datam desde o contexto colonial, onde o colonizado enfrentava não só a dificuldade de estar consignado a uma raça, mas também de ter interiorizado tais lógicas e termos opressivos. Nesse sentido, ficções que o colonizador criava sobre os povos colonizados acabavam sendo manipuladas enquanto verdades, afetando os sujeitos. Nas palavras de Fanon (2008, p. 94), visto que o povo colonizado foi considerado e passou a acreditar que era de fato “uma besta fera, que meu povo e eu somos um esterco ambulante, repugnantemente fornecedor de cana macia e de algodão sedoso, que não tenho nada a fazer no mundo”, restava a tal povo tentar fazer-se branco, na busca pelo reconhecimento de sua humanidade. Portanto, temos



um par indissociável, uma mesma moeda que articula de um lado, imagens de controle sobre a negritude e, do outro, imagens idealizadas e ideais da branquitude.

Nesse sentido, visualizamos uma espécie de escala evolutiva segundo a qual os corpos são posicionados em diferentes pontos, sendo o mais alto deles destinado ao homem branco europeu e no outro extremo o corpo negro. Ora, à população negra restaria a falsa promessa de um dia alcançar a humanidade, tornando-se branca. Nesta dinâmica, pessoas negras vivem constantemente em estado de vigília e alerta para evitar qualquer violência e ataque contra sua integridade. Ou seja, vivendo no mundo dos brancos onde a brancura é idealizada, a espontaneidade lhes é um direito negado (Souza, 2021).

Desse modo, a violência está presente cotidianamente em um mundo branco que é hostil a seus corpos, pois, tal meio atua no sentido de reiterar a dicotomia de menosprezo à negritude e valorização da brancura. Com efeito, para Souza (2021), sujeitos negros experienciam um processo ambivalente e complexo em uma sociedade a qual se espera comportamentos, desejos, estéticas, brancos. Tal processo, nunca chega em seu êxito, visto que ser branco para o negro é impossível. Recolhemos tais dinâmicas na clínica, onde observamos a maneira como se atualizam, de maneira sintomatológica, em experiências de homens negros de autodesvalorização, inibição e persecutoriedade. Nesse caminho, apostamos que o processo terapêutico pode ser um caminho possível de questionamento de tais imagens, como também de produção, mesmo que de modo parcial e localizado, de sentidos positivos perante a própria existência: uma encruzilhada em que o contingenciamento psíquico encontre a potência exúdica do devir negro.

ENCRUZILHADAS CLÍNICAS



O processo de assimilação de imagens de controle se constitui enquanto uma encruzilhada paralisante, uma forma de enclausuramento e alienação existencial onde o devir negro aparece impossibilitado, ao passo em que aparentemente apenas uma forma (desumanizante) de representação de ser e existir no mundo é disponibilizada e acessada. De maneira semelhante à funcionalidade da violência colonial, a força do desejo do grupo subalternizado parece ser captada e desviada em prol da própria estrutura hegemônica (Mbembe, 2017).

Desse modo, se imagens de controle acabam por construir histórias únicas sobre um povo, um sujeito, pensamos na clínica enquanto potencializadora de encruzilhadas afirmativas, ou seja, construção de outras formas de representação que possam gerar pertencimentos e que não sejam baseadas nos discursos ideológicos hegemônicos. Nesse sentido, Collins (2019) nos ajuda nessa tarefa. Ao dizer sobre as possibilidades de resistência de mulheres negras frente às imagens de controle, coloca a importância da autodefinição, ou seja, a partir de seus próprios termos podem transgredir a norma da branquitude e humanizar caminhos dignos de representação. Ora, conforme assevera Souza (2021), a construção de um discurso sobre si mesmo, como exercício de autonomia, precisa ser fundamentada no conhecimento concreto da realidade, por meio da consciência histórica e resgate de valores ancestrais, sendo assim, possível afirmar uma existência e marcar um lugar digno no tecido social e subjetivo. Dessa forma, desenhamos uma clínica que recontar histórias e as ressignifique em busca de um novo imaginário (Prestes; Silva, 2021).

Nesse ínterim, trazendo o feminismo negro o qual nos ensina a importância de separar ideologia e realidade para que possamos pensar e agir de maneira crítica, clinicamente, nos parece importante demolir determinados mitos sobre a negritude,



entendendo que tais representações negativas não são produtos individuais, mas efeitos psicossociais da ideologia racista que atravessa o sujeito (Veiga, 2019). Para Souza (2021), ser negro é justamente reconhecer esses processos alienantes e criar uma nova consciência para além do contingenciamento dos discursos exploratórios. Assim, quando a fronteira do fato e ficção ideológica é separada, imagens de controle podem ser questionadas e uma abertura possível para reescrever uma existência e identidade digna pode surgir.

Dessa maneira, a clínica pode dar passagem para outros modos de sentir, viver e experienciar, como também, para narrativas múltiplas que possibilitem homens negros destruir e ressignificar “mitos e estereótipos acerca de si, invertendo suas posições subalternizadas na guerra violenta dos discursos racistas” (Santos, 2014, p. 19). Um encontro onde seja possível que “os temores do homem negro, suas fragilidades, suscetibilidades e paradoxos sobre si” sejam “explicitados nas relações que constrói”, para que assim, sua humanidade seja resgatada (bell hooks, 1989, p. 130 apud Conrado & Ribeiro, 2017, p.83). Outrossim, o encontro clínico pode trazer à experiência da encruzilhada enquanto potência exúrica para que o contingenciamento psíquico delineado pelo narcisismo da branquitude seja rompido em sua ilusão de caminho único de humanização.

Aqui, refletimos com a ajuda de Farias e David (2020) se corpos de psicólogos, sobretudo, brancos, estão sensíveis o suficiente para ouvir tais demandas e para construir um encontro possível que desenhamos neste trabalho. Assim, é possível à um analista branco sustentar o desmonte da idealização da brancura, colocando em xeque e, portanto, quebrando, o seu próprio pacto narcísico com a branquitude? Não encerramos a questão, como também, não temos pretensão em liquidá-la. Mas, temos pistas e notícias sobre a imprescindibilidade da nossa prática e saber *psi* se construirão a partir das necessidades e realidades do



povo brasileiro e de possuir atenção sobre o modo como construções estereotipadas e do imaginário social recaem ao sujeito (Braga; Rosa, 2017). Portanto, levar em consideração a maneira como marcadores sociais da diferença constituem processos de subjetivação, ou seja, não há dúvidas aqui de que inconsciente e discurso têm raça, classe, território, sexualidade e geração.

Para além disso, é importante pontuar que o questionamento bem como a destruição de representações falaciosas sobre homens negros também deve ser uma tarefa coletiva (hooks, 2019), de tal modo que a clínica possui seus limites. Isso implica pensarmos que mesmo quando o sujeito está conectado com um valor digno sobre si e até que possamos enfrentar o racismo de modo abrangente, episódios de racismo e agenciamento de estereótipos continuam a acontecer (Davis, 2018). Tal fato é o que caracterizaria a clínica com pessoas negras enquanto uma “clínica do impossível” (Veiga, 2019, p. 27).

Nesse cenário, trabalhamos na fronteira, entendendo que “tem coisas que a luta política não faz por nós, e tem coisas que a cura psicológica não nos garante” (Dias; Silva, 2018, p. 210). Nessa discussão, apostamos com Fanon (2020) quanto à primordialidade que a desalienação de modos de subjetivação coloniais ocupa na luta pela libertação e emancipação dos povos e que essa também deve caminhar no sentido de mudanças estruturais da vida em sociedade, pois o combate ao racismo se faz pelas vias políticas e identitárias, por isso, psicossocial. Relembramos também com Veiga (2019) que se de um lado o fim do racismo parece algo impossível, também, é impossível sermos capturados totalmente por ele, já que há uma potência exúrica nos encontros psicoterapêuticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Ao perpassar sobre os modos como a colonialidade configurou os processos psicossociais, debruçamo-nos sobre a especificidade das imagens de controle como arma de opressão. Dessa maneira, pudemos compreender como imagens de controle formalizadas no período escravagista se constituíram como fundante da manutenção do poder colonial. Contudo, mesmo com o fim do colonialismo, tais imagens continuaram circulando e operando na vida em sociedade, construindo ficções discursivas sobre determinados povos. Nesse contexto, homens negros têm sido representados a partir de noções historicamente edificadas de subalternidade e inumanidade, fato possível de ser analisado através de narrativas e relatos encontrados na clínica psicológica.

Consideramos que masculinidades negras podem ser escutadas em suas multiplicidades, desde que rompamos com uma *praxis* psi que engendra discursos e práticas colonizadoras. Nesse sentido, apontamos para a necessidade do estudo e análise de bases teóricas condizentes com a realidade brasileira. Tais horizontes, se mostram enquanto decisivos para a construção de um processo terapêutico segundo o qual seja possível desenhar outros territórios existenciais para sujeitos negros: encruzilhadas positivas que possibilitem a humanização, tendo em vista que o racismo não restringe apenas oportunidades sociais, mas também experiências subjetivas de experimentação. Por fim, apostamos no acolhimento do impossível da nossa prática, reafirmando um encontro exúdic, posto que a encruzilhada não se constitui enquanto o fim da linha, mas possibilidade de abertura de caminhos.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.



BENTO, Maria. A. S. *Pactos narcísicos no racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade de São Paulo, SP, 2002.

BRAGA, Ana. P.; ROSA, Miriam. D. Articulações entre psicanálise e negritude: desamparo discursivo, constituição subjetiva e traços identificatórios. *Revista da ABPN*, v. 10, n. 24, p. 89-107, 2018.

CARIDADE, Waleff. D.; SANTOS, Fátima. A. O corpo do homem negro na cidade: reflexões sobre o processo de colonização. *Concinnitas*, v. 21, n. 37, p.391-403, 2020.

CLASTRES, Pierre. Entre silêncio e diálogo. In: *Lévi-Strauss*. São Paulo: L'arc Documentos, p. 87-90, 1968.

COLLINS, Patricia. H. *Black sexual politics: african americans, gender and the new racism*. New York: Routledge, 2004.

COLLINS, Patricia. H. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.

CONRADO, Mônica.; RIBEIRO, Alan. A. M. Homem negro, negro homem: masculinidades e feminismo negro em debate. *Estudos Feministas*, v. 25, n.1, p.73-97, 2017.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) para a atuação de psicólogas(os) com povos tradicionais*. Brasília : CFP, 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Referências Técnicas para atuação de psicólogas(os) junto aos povos indígenas*. Brasília : CFP, 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Relações Raciais: Referências Técnicas para atuação de psicólogos/os*. Brasília: CFP, 2017.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Resolução 018/2002*. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação ao preconceito e à discriminação racial. Brasília: CFP, 2002.

DAVIS, Angela. Precisamos falar sobre mudança sistêmica. In: BARAT, Frank. (org.). *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo. Boitempo, 2018, p.43-56.



DIAS, Jussara.; SILVA, Maria. L. Por uma clínica interventiva contra o racismo. In: SILVA, Maria. L.; FARIAS, Marcio; OCARIZ, Maria. C.; NETO, Augusto. S. (orgs.). *Violência e sociedade: O racismo como estruturante da sociedade e da subjetividade do povo brasileiro*. São Paulo: Escuta, p. 209-218, 2018.

DIONÍSIO, Dejour. *Entre falos e falácias: pertencimentos e discursos afro-brasileiros nas narrativas de homens em Tocaia Grande - A face obscura, de Jorge Amado*. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Estadual de Londrina, PR, 2014.

FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FARIAS, Marcio.; DAVID, Emiliano. C. Pode a psicologia escutar? Reflexões sobre a demanda negra. *Correio APPOA*, n. 301, p. 14-15, 2020.

FAUSTINO, Deivison. N. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: BLAY, Eva. A. (org.). *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 75- 104.

hooks, bell. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n.3, p. 935- 952, 2014.

MBEMBE, Achille. *Políticas de inimizade*. Lisboa: Antígona, 2017.

MIGNOLO, Walter. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 94, p. 1-18, 2017.

PRESTES, Clélia. R. S.; SILVA, Maria. L. Mulheres negras: ressignificações do imaginário e liberdade. *Revista Boletim 3X22 Mulheridades*, n. 6, p. 79-87, 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, p.117-142, 2005.



SANTOS, Daniel. Ogó: encruzilhadas de uma história das masculinidades e sexualidades negras na diáspora atlântica. *Universitas Humanas*, v.11, n.1, p. 7-20, 2014.

SOUZA, Neusa. S. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

VEIGA, Lucas. *Clínica do impossível: linhas de fuga e de cura*. Rio de Janeiro: Telha, 2021.

Recebido em 07/08/2023

Aprovado em 17/08/2025